

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Ehrenreich, Paul. 1906. A ethnographia da America do Sul ao começar o seculo XX. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, vol. XI, p. 280-305.

[Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/ehrenreich_1906_ethnographia]

O material contido neste arquivo foi digitalizado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

Este artigo foi extraído de volume digitalizado pelo projeto [Google Books](#) e incorporado ao acervo da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em julho de 2008.

REVISTA

44

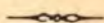
71

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

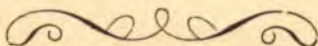
SÃO PAULO



VOLUME XI



1906



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL

1907

A Ethnographia da America do Sul ao começar o seculo XX

INTRODUÇÃO.—PRINCIPIOS DA DIVISÃO ETHNOGRAPHICA.—COMPUTO SYSTEMATICO DAS MAIS IMPORTANTES TRIBUS E FAMILIAS LINGUISTICAS.—POVOS DO BRAZIL, PARAGUAY, GUYANA, VENEZUELA E BAIXADA DA COLOMBIA, PERÚ E BOLIVIA.

A importancia singular da ethnographia americana consiste, como uma vez Ba-tian salientou de modo excellente, em que «o hiato entre a prehistoria e a historia, coberto por theorias no velho mundo, é preenchido realisticamente, em consequencia de continuarem aqui vivazes aquelles troncos naturaes de que brotarão as raizes cuja flôr são os povos historicos».

Isto applica-se de modo muito particular á metade meridional do continente, que é o que depois da Africa asyla ainda hoje o maior numero de taes povos naturaes. Comparado com a das tribus norte-americanas sua investigação scientifica achase infelizmente por demais atrazada. Ha apenas dous decennios que recebeu novo impulso, depois que a travessia ousada da parte mais desconhecida do planalto brasileiro e a exploração do rio Xingú por C. von den Steinen e seus companheiros patentearam a existencia de numerosas tribus vivendo ainda na situação precolombiana da idade de pedra. Seu estudo mais aprofundado, feito por outras expedições, não só tornou possível a classificação racional das tribus sul-americanas como forneceu nova base para o juizo das condições primitivas de cultura em geral.

Mas, além do ensejo, hoje em dia raro, de observar homens ainda intactos do periodo de cultura petrea ou premetallica, ainda outras forças concorrem para á investigação destas tribus dar uma importancia que transcende muito o interesse especial dos Americanistas.

Em primeiro logar a dependencia em que as fórmãs de cultura estão de natureza ambiente e das condições geographicas revela-se com singular transparencia aqui, onde tribus primitivas estão distribuidas por todo um grande continente, que mostra as mais variadas fórmãs de configuração superficial, de articulação vertical e de vida organica.

Accresce que não só o mundo cultural autocthone, já extincto, dá ainda a conhecer por toda a parte em seus restos e tradições a ligação com as tribus selvagens como também a população mestiça, sujeita á civilização moderna, salvou até o presente muita cousa da lingua, dos costumes, dos haveres culturais da era primitiva, que aliás não lhes ficava muito aquem.

E' além disso importante o facto dos povos naturaes da America do Sul, ao contrario das outras partes do mundo, terem certo grão de *profundidade* historica (no sentido de Ratzel). Nosso conhecimento delles, constando de informações exactas, alcança muito mais para traz do que no velho mundo. Sobre alguns como os *Fueguinos* (Ona), *Araucanios*, *Tupis orientaes* e certos *Aruak* (*Tainos*) di-pomos de uma serie de observações que vão de 350 a 400 annos.

Isto é de importancia primeiramente para se julgar da persistencia dos signaes linguisticos, pois o erro da idéa, outr'ora tão vulgarizada, de que rapidamente se alteravam as linguas não escriptas, ficou provado, graças á comparação entre especimens antigos e recentes. Além disso apanhamos aspectos interessantes do processo de acculturação, realizada em muitas tribus selvagens, muito tempo antes de sua sujeição ao jugo dos brancos, graças á importação de haveres culturais, especialmente de instrumentos de ferro e animaes domesticos.

Assim, a introdução do cavallo entre as tribus meridionaes durante o primeiro seculo de conquista, levou á transformação completa de todas as condições de vida.

Em outras passou por uma elaboração singular a arte de tecer, graças á introdução de aparelhos aperfeiçoados, como entre os *Guaycurús*, *Machicuis*, *Camés*; entre as tribus peruanas orientaes, chilenas e as do Pampa a metallurgia, particularmente o valor da prata, combinou as influencias peruanas com as do Velho Mundo.

Anthropologicamente não ha separar os Sul-Americanos das tribus do continente septentrional. Aqui como alli existe grande multiplicidade de typos quanto á formação do rosto, á fórma do craneo e ás proporções, que apresentam imagens em parte mongoloides, em parte mais afinadas, quasi caucaseas.

Quasi não ha fórma do Sul, que não tenha sua analogia do Norte. Consiste a differença apenas em que ao Sul apparecem epidermes mais claras, estaturas maiores e o cabello encrespa com mais frequencia. As differenças, porém, são menores que as apresentadas pela raça mediterranea e até pelo seu ramo indo-europeu.

Do mesmo modo que podemos considerar uma raça americana, independente de misturas ulteriores, ao Noroeste, procedentes da Asia, devemos considerar a America do Norte sua patria primitiva, isto é, teatro de sua differenciação. Ao continente meridional só chegou mais tarde: a todos os naturalistas

que estudaram a zona tropical tem-se imposto a observação de que o homem aqui se apresenta como forasteiro e intruso perante a natureza, e isto *á priori*, tornam em alto gráo verosimil os factos geologicos e biologicos deste continente.

A unidade de raça oppõe-se á separação completa dos caracteres ethnographicos, de linguas, de haveres sociaes, não demarcados, porém, pelo isthmo, e sim por uma linha que atravessa o sul de Nicaragua, onde começam aquellas tribus, cuja ligação linguistica com o circulo de povos da Colombia as investigações mais modernas deixaram patente. Tambem as ilhas do mar das Antilhas foram habitadas por tribu de affinidade sul-americana, que provavelmente, como ensinam novos achados, estiram suas avançadas até á costa de Florida.

Não devemos, pois, imaginar uma immigração continua de povos através do isthmo. para o Sul; ao contrario, a formação de povos, isto é, a differenciação linguistica, só começou longo tempo depois da dispersão da raça, de modo que a incursão das tribus sul-americanas para o Norte até certo ponto deve considerar-se uma remigração.

A dispersão das raças e a formação dos povos devem considerar-se aqui mórmente de todo independentes um de outro.

* * *

Do que fica dito resulta que só com precaução podemos usar dos caracteres corporaes para a classificação ethnologica, isto é, apenas nos casos de coincidirem typos anthropologicos determinados com grupos linguisticamente connexos e tambem affins de sangue, como, por exemplo, podemos apural-os nos grandes povos isolados dos *Bororós* e dos *Carayás*, assim como nas nações *Gés* do Brazil oriental. Ao contrario, devemos ter sempre em mente que tribus amplamente disseminadas de grupo linguistico igual como os *Caraibas*, os *Aruaks* e os *Tupis*, apresentam consideraveis variedades somaticas. Tambem peculiaridades de um meio igual dão cunho similhante a povos de troncos differentes como é o caso dos habitantes do Puna nas Cordilheiras. Em todo caso é anti scientifico querer reunir em sub-raças tribus heceterogeneas, fundando-se em caracteres escolhidos arbitrariamente, como por exemplo, os indices cephalicos. Assim merece a mais aspera repulsa a tentativa de Denniker, seguida por Verneau e outros, de construir uma especie de pre-raça com os *Fueguinos* e *Botocudos*, *Patagões* e *Bororós*, levados por exterioridades somaticas superficiaes que nem siquer são incontestadas,—repulsa tanto mais necessaria quanto esta ameaça já passou para os compendios.

Uma orientação até certo ponto satisfactoria no enredo das innumeradas pequenas tribus só se póde lograr baseado na linguistica. Em principio a unica difficuldade consiste no conhe-

cimento deficiente destas linguas, de que apenas pequena parte está grammaticalmente elaborada, ao passo que para a maioria temos de nos contentar com vocabularios mais ou menos indigentes. Apurou-se, porém, que os vocabularios, desde que contenham uma série de *palavras-fio* (*Leitwoerter*), muito constantes conforme a experiencia, particularmente as designações das partes do corpo, também possuem consideravel força demonstrativa.

Muitas vezes ligações suspeitadas deante de escassas listas de palavras são mais tarde brilhantemente confirmadas quando sobrevem material mais abundante.

Em muitos casos o mero nome da tribu, quando é realmente indigena, já aponta o caminho directo. Assim, por exemplo, os nomes de tribus terminados em *oto* indicam sempre affinidade *carahiba*, e os que terminam em *krin*, *kling*, *kleng* affinidade gé.

Outro bom auxiliar exterior fornecem as tatuagens das tribus. Assim, por exemplo, a tatuagem peculiar do rosto, praticada entre os *Apiacás* do Tocantins, pertencentes ao grupo *carahiba*, encontrou-se também entre os chamados *Araras* do Madeira e do Xingú, de cuja lingua nada se sabia até modernamente Coudreau mostrar a identidade linguistica de ambas as tribus.

A nomenclatura das tribus sul-americanas andou até a éra moderna na maior confusão que se póde imaginar. Apenas de pequena parte dellas conhecemos os verdadeiros nomes indigenas, e quando isto se dá em geral não podem supplantar os nomes vulgares uma vez introduzidos. Não seria grande o mal si ao menos empregassem consistentemente as designações dadas pelos Européas e não se reunissem sob o mesmo nome tribus ás vezes de todo heterogeneas. Quando tirados de linguas européas taes nomes são muitas vezes designações arbitrarías e triviaes de certas particularidades externas dos indigenas. Assim chamavam de *Coroados* as tribus que usavam de tonsura. *Lenguas* os que tinham o labio inferior perfurado, *Botocudos* os que traziam no labio ou nas orelhas um ornato semelhante batoque, *Orejones* eram sujeitos de longos lobulos auriculares pendentes, *Encabellados* os que usavam de cabello comprido. Depois que se ficou sabendo que os *Carahibas* comiam gente, costumou-se chamar *Carahibas* todas as tribus que obedeciam a este costume. Em compensação parentes, mesmo tendo uma denominação commum, receberam designações diversas. Assim ha no Chaco tribus e hordas que apparecem na litteratura sob vinte nomes diversos.

Outra fonte de confusão fornecem os proprios nomes indios, especialmente quando se chamam muitas tribus com os nomes que lhes deram outros visinhos, pertencentes talvez á familias de linguas inteiramente diversas. Além dos enganoses habituaes, são registados nomes de mofa e alcunhas, e confundidas as designações de parentella e classe, especialmente os nomes de animaes totemicos, com os nomes herdados da tribu. Pela retracção dos nomes em linguas européas, apparecem tribus com

os nomes de animaes, como *Araras, Gaviões, Caracará, Antas, etc.* O que mais atrapalha, porém, é que deste modo a tribu estrangeira muitas vezes obtem uma designação pertencente a lingua inteiramente differente, dest'arte fingindo um parentesco de tribu que talvez não existe. Assim depois que no Brazil o *tupy* tornou-se lingua geral, vehiculo de communicacão entre os brancos e os Indios, impuzeram nomes *tupys* a tribus que nada tinham de *tupy*. Deste modo tribus selvagens, *allophylas* e inimigas dos *tupys*, foram reunidas sob a designação geral de *tapuias*, isto é, inimigos, de modo que a Este da America do Sul dividio-se tudo nos dous grupos de *Tupys* e *Tapuias*.

Este modo summario de divisão censervou-se até muito pelo seculo XIX a dentro e salienta-se particularmente em Orbigny.

Mesmo Martius, que, formando o grupo *Gé*, assentou a base de nova classificacão, estava sob o peso da tupimania que ainda domina no Brazil, cousa analoga ao que foi entre nós a celtomania. Em sua obra *ethnographica* esforça-se a cada passo para explicar pelo *tupy* todas as especies de nomes de tribus, muitas vezes da maneira mais violenta, com as etymologias mais aventurosas, não raro de effeito comico. Todas as suas interpretações devem ser acolhidas sempre com a maxima desconfiança.

Em condições inteiramente semelhantes estão os nomes em outras partes do continente, como por exemplo no Perú oriental e no Equador e particularmente no Chaco, onde a confusão só em parte foi remediada nos ultimos annos. Dentre os inumeros nomes de tribus, transmittidos do periodo da conquista e éra dos missionarios que se seguiu, apenas pequena parte pôde ser identificada com os nomes hodiernos. Grande numero é absolutamente fabuloso, como os *Morcegos*, de que faz menção Raleigh e particularmente os *Acephalos*, figurados ainda no seculo XVIII no Atlas de Lafiteau. Os *Pygmeus arboreos*, desde muito tempo desmascarados, são verdadeiros macacos Coata. De resto ainda hoje domina geralmente a crença em taes tribus entre Indios e a população mestiça civilizada. Quantas tribus têm perecido desde o descobrimento, nem approximadamente se pôde estimar.

As *Bertraege zur Ethnographie* de Martius, de resto, contém uma boa collecção da maior parte dos nomes usados no Brazil e na Guayana desde os primeiros tempos: para o Orenoco é de importancia o *Fest-schrift* da Sociedade de Geographia de Hamburgo sobre as expedições dos Welser. Para toda a região amazonica Marklam organizou em 1864 e 1893 um registro bastante deficiente.

Empregando expressões como povo e tribu, cumpre não esquecer que aqui nunca se chegou propriamente a uma formação de povos. Defrontamos antes por toda parte uma conjuncção de tribus e hordas, que ou existem inteiramente sem cohesão, ou apenas se unem occasionalmente para empresas communs.

Entre as tribus infimas como os *botocuaños* e seus parentes *Guahibos*, *Guayakis*, *Fueguinos* etc., as unidades politicas são apenas representadas por grãs-familias e parentella. Uma reunião de taes hordas e parentellas formando unidades organizadas de tribus, taes quaes conhecemos de maneira typica entre os Pelles Vermelhas da America do Norte, parece só ter occorrido de modo muito excepcional, como entre os *Goajiros*, *Araucanios*, e quiçá algumas tribus do Chaco. Em compensação deparamos com frequencia comunidades de aldeias, ligadas por nomes communs, desenhos de tatuagens, fórmas de ornato, signaes de proveniencia como em flexas e outras armas; em geral, porém, não possuem organização commum mais estreita e muitas vezes são entre si inimigas, como os *Impurinãs* e outras tribus dos affluentes occidentaes do Amazonas, os *Jivaros* e muitas outras tribus do Chaco.

Por nomes como *Carahibas*, *Aruaks*, *Tupis*, *Gés*, entendemos tribus linguisticamente aparentadas cuja connexão foi primariamente apurada pela analyse scientifica. Podem ser referidos a um hypothetico povo primitivo, do mesmo modo que as chamadas tribus indo-germanicas do Velho Mundo.

Como taes tribus de igual familia lingustica estão muitas vezes dispersas por territorios enormes e suas linguas, graças ao isolamento ou a acções extranhas, muitas vezes apresentam grandes divergencias no vocabulario, em regra, entre estas, não se conservou a consciencia do parentesco.

Para Martins tem ainda valor o conceito de uma *colluvies gentium*, isto é, bandos aggregados de Indios de tribus diferentes e linguas diversas, usando entre si uma especie de giria. Formações destas em parte alguma se têm apurado com segurança, e caso tenham occorrido, devem ter sido phenomenos inteiramente ephemeros, provocados pela influencia de aventureiros brancos.

Quando muito poderia ser considerada tal uma nova formação, sem duvida ethnographicamente muito notavel: a dos quilombolas do Surinam, compostos de bandos organizados de negros fugidos com seu dialecto particular de trapos africanos, inglezes, hollandezes, francezes e indios.

* * *

REGIÕES ETHNOGRAPHICAS.—Os grandes systemas fluviaes da America do Sul que determinaram a dispersão e encaminharam as migrações dos povos e tribus dão-nos tambem a primeira base para a repartição ethnographica. Póde-se assim distinguir tres grandes territorios como regiões ethnographicas.

A primeira e maior comprehende as bacias unidas do Amazonas e do Orenoco, que hydrographicamente formam uma unidade, com o planalto de Goyana que fica entre as duas. Eth-

nographicamente include tambem ao norte as ilhas das Antilhas : para o Sul transpõe a divisora das aguas do planalto brasileiro, alcançando o rio Paraguay e o rio do Prata. Ao Sudoeste a linha limitrophe atravessa a Bolivia por cerca de 16° Sul, determinada em sua parte essencial pelo Guaporé e pelo alto Mamoré.

A segunda região pega dali até a ponta meridional do continente, abarcando todo o territorio situado á margem direita do Paraguay. O limite ethnographico para Oeste não coincide porém, como na primeira zona, com os Andes, que transgride no Chile meridional.

A terceira região é naturalmente constituída pela cadeia dos Andes e pelos planaltos nelles incluídos ou a elles annexos. Só ao Sul, como fica dito, o limite ethnographico vai se obliterando para o Oriente.

Cada uma destas zonas raparte-se numa porção de subdivisões ou provincias geographicas de caracteres ethnographicos especificos. Na primeira distinguimos os dous planaltos de Goyana e do Brazil, o valle do rio das Amazonas que demora entre ambos, a bacia do Orenoco, a baixada dos tributários septentrionaes do Amazonas que ficam a Oeste do rio Negro, a baixada meridional do Amazonas e Oeste do Madeira, na qual por sua vez as bacias do Juruá e do Purús constituem uma subdivisão particular.

A segunda zona reparte-se de Norte para o Sul no chamado Grão Chaco de Guaporé ao rio Salado, na planicie dos Pampas até o rio Negro, no planalto patagonico até a terra do Fogo.

Na região andina, terceira zona, a membração ethnographica é determinada pelos tres circulos de cultura dos povos *Chibcha*, *Kechua*, *Kolya* (*Aymará*). As relações primitivas foram naturalmente transformadas pela absorpção gradual da maioria das tribus naturaes. Como tambem a antiquissima cultura dos *Kolye*, do mesmo modo que a dos *Chimu*, abrolhou nas costas do imperio incasico dos *Kechua*, na pratica só se póde fallar de um circulo de cultura da Colombia e de um circulo de cultura do Perú; este include tambem Equador e Bolivia.

Como cada um destes territorios menores include dentro de limites bastante claros seus grupos característicos de tribus, poderíamos realizar o agrupamento ethnographico guiados unicamente por pontos de vista geographicos, si alguns povos, deixando suas sédes primitivas, se não houveram derramado pelos territorios vizinhos, alcançando até recantos muito afastados. Assim encontramos seus traços insertos entre tribus de outra especie inteiramente diversa, muitas vezes rodeados como ilhas de povos allophylos, com que então entraram em uma cultura commum.

Isto se dá principalmente com tribus que constituem as grandes familias linguisticas dos *Tupis*, *Aruaks* e *Carahibas*, que por isso teremos de considerar separadamente das outras.

Tupi-Guarany—Esta familia abarca as tribus historicamente mais importantes do Brazil e do Paraguay, sendo agora representadas de modo consideravel na Bolivia e na Guayana. Já no primeiro periodo do descobrimento foram mencionados e descriptos com grande frequencia. As relações classicas de Hans Staden, Léry e Thevet no seculo XVI, assim como a de Yves d'Evreux, no seculo XVII, são com vantagem as melhores descrições ethnographicas daquelles periodo.

Tribus *tupis* occupavam então toda a costa brazileira desde a latitude de 30° Sul até o baixo Amazonas. Viviam em grandes aldeias fortificadas; exerciam, além da caça e pesca uma agricultura não insignificante, e nas costas da Bahia e do Maranhão praticavam até a navegação. Eram ao mesmo tempo cannibae guerreiros, envoltos em continuas lutas de tribus.

Mais pacificos e de costumes mais brandos eram seus compa-
nheiros de tribus ao Sul do Brazil e no Paraguay, os *Guaranis*, entres os quaes primeiramente começou a obra das missões. No Paraguay têm continuado até hoje em massas compactas, guardando sua lingua, muito corrompida embora; os restos dos *Tupis orientaes* (*Tupinambá*, *Tupinikin*, *Tupinaé* e *Cabeté*) levam vida de de pobres pescadores em aldeias dispersas pela costa, desde Espirito Santo até o Maranhão.

A lingua *tupi-guarani*, o *abañeenga*, primeiro e do modo mais completo elaborada pelos missionarios, cujos ambos dialectos apenas apresentam pequenas differenças, tornou-se com o tempo vehiculo geral de communicações entre brancos e indios e entre os proprios indios, para o que concorreram essencialmente as correrias dos chamados Mamelucos ou Paulistas no seculo XVII.

Assim formou-se paulatinamente uma giria simplificada, a chamada lingua geral. Fóra do Paraguay é usada ainda hoje no rio das Amazonas, entre a população india meio-civilizada allí existente, composta de gente procedente das missões dissolvidas ha cem annos, originaria das tribus mais variadas.

A ampla divulgção deste idioma concorreu em primeira linha para a idéa erronea, mas geralmente dominante no Brasil, de que os *Tupis* ainda hoje formam a principal massa das tribus indigenas, idéa de que foram dominados quasi todos os primeiros viajantes, especialmente Orbigny e em parte tambem ainda Martius.

Ficou provado que a idéa é insustentavel; entretanto verificou-se a existencia de alguns povos de linguas *tupi* bastante pura no interior do Brasil, como os *Apiacá* no alto Tapajós, os *Camayurá* descobertos em 1887 nas cabeceiras do Xingú, os *Taipirapés* de Goyaz, os *Tembés* no interior do Estado do Pará, os *Guajajaras*, do Maranhão e Piauhy a Oeste do Tocantins.

Além dos limites do Brasil pertencem a estes: na Guayana oriental os *Oyampis* e *Emerillons* e *Trios*, na fronteira peruana oriental, os *Omaguas* ou *Cambeba*, no *Solimões*, os *Cocamas*; na

Bolivia oriental, nas cabeceiras dos affluentes do Madeira, os *Guaranis* e *Tapus*, em parte inteiramente selvagens ainda, e os *Chiriguanos* que em parte se conservam ainda independentes, mas já são accessíveis ás missões: sobre estas tribus, dentre os novos trabalhos são importantes os do dr. Domenico Campana. No Paraguay oriental e no baixo e medio Paraná devem chamar-se *Tupis* puros os *Cainguas* ou *Cayuas*, conhecidos com mais exactidão graças a Ambrosetti, e os *Apitere* descobertos recentemente.

Além destes chamados *Tupis* puros devemos arrolar entre os *Tupis* uma porção de tribus maiores do interior do Brasil por causa do seu parentesco linguistico, e cujos idiomas devem ser considerados linguas irmãs independentes. A estes pertencem os bellicosos *Mandurucús* e *Mauhés* no Tapajós, os *Yurunas* e seus parentes *Mani-Sauár* no médio Xingú e os *Auetés* nas cabeceiras do Xingú.

Interesse consideravel despertou recentemente a descoberta ou redescoberta da antiquissima tribu dos *Guayaki*, caçadores que em plena idade de pedra habitam as florestas ao sueste do Paraguay, cuja lingua, até onde se tem podido apural-a até agora, é dialecto guarany bastante puro. Teriamos assim *Tupis-guaranis* no estado natural primitivo: a isto oppõe o testemunho dos missionarios, conservado em Hervas, do tempo em que os *Guayaki* estavam em contacto mais frequente com os brancos: diz-se ahí expressamente que sua lingua differe do *Guarany*, mas muitos guaranis fugidos das missões aggregaram-se áquelles selvagens nas mattas. Com isto concordaria o facto que todos os vocabularios até aqui reunidos contêm palavras inexplicaveis pelo guarani.

Defrontamos aqui talvez um daquelles casos notaveis de mudança de lingua, que tambem por vezes encontramos alhures, onde tribus infimas ficam rodeadas de outras superiores em desenvolvimento. Assim por exemplo os *Veddah* de Ceylão falam um *syngalez* deturpado, os *Pygmèos* africanos a lingua de seus visinhos, os *Negritos* de *Luzoo* o *tagalo*, embora pertençam a raça inteiramente outra. Tambem o haver social dos *Guayakis* concorda muito com o das tribus inferiores do littoral. E' principalmente notavel a falta de rede para dormir e a fórma das flexas. O estado actual da questão dos *Guayakis* foi criticamente investigado por Vogt e Koch (*Z. f. Ethn.*, 35, pag., p. 30 e seg., 1902).

A distribuição singularmente salteada dos *Tupis* está indicando vastas migrações que radiam quasi em fórma de leque de um centro de dispersão.

Taes migrações parecem ter occorrido não só na era pre-colombiana, como ainda até pelo seculo XVII a dentro. Os portuguezes repelliram as tribus costeiras cada vez mais para o Norte, onde do sertão estavam de posse as tribus *Gés*, mais bellicosas e numericamente mais fortes; os hespanhoes por sua vez

em suas expedições pelo Paraguay acima foram empurrando os povos *guaranis* cada vez mais para Noroeste, para o actual territorio boliviano. Séde primitiva dos *Tupis* parece ter sido as terras situadas entre o medio Paraná e o alto Paragnay. Já na era prehistorica uma corrente alastrou desde o Sul do Brazil pela costa até o Amazonas e mais tarde penetrou mesmo na Guayana oriental.

A occupação do baixo Amazonas parece só ter se dado em época posterior, pois o fidedigno Acuña, em sua famosa viagem com Teixeira, em 1637, diz que achou a ilha de Tupinambarana habitada por povos tupis, que para aqui emigraram do Maranhão não havia muito tempo, para escapar das oppressões dos portuguezes.

A linha occidental de distribuição dos *Tupis* é dada pelas tribus bolivianas deste grupo, os *Chiriguanos* e *Guarayos*, talvez tambem pelos *Omaguas*.

Martius pende á identificar os ultimos com a tribu do mesmo nome, muitas vezes mencionada em tempo mais antigo, ao norte de Jujuly na fronteira boliviana, e admite que tambem elles fugindo dos hespanhoes attrahiram as tribus peruanas orientaes para o rio S. limões. Talvez, porém, estes *Omaguas* do sul sejam povo inteiramente diverso. Com bons fundamentos Brinton impugnou sua filiação ao grupo *Kechua*, com o que concordam tambem os dados antigos relativos á sua cultura. Em todo caso existe a possibilidade de mudança de nome, pois tambem são confundidos os *Omaguas* septentrionaes com os *Umana* do alto Japurá. Waitz suspeita são os *Amanhuacas* pertencentes ao grupo dos *Panos*, mas apesar disto podem ter recebido influxo peruano.

Terceiro caminho foi o Tapajóz, onde, além dos *Apiacás puros*, conhecemos os *Muudrucús* e *Mauhés* como principaes representantes dos *Tupis impuros*. Provavelmente são apenas seus parentes no medio Xingú, misturados com elementos estranhos, o galho que mais cedo se separou, cujas linguas se desenvolveram de modo particular e independente.

Que o Xingú fosse caminho de migrações é inverosimil, pois uma das principaes tribus deste grupo, os *Yurunas*, vai subindo o rio, sem nada saber das tribus que vivem lá em cima, de que estão separados por caxoeiras difíceis. Por outro lado, como se pôde demonstrar, ha seculos que aqui estão segregadas as tribus das cabeceiras do Xingú. Os *Manitsauás* desta região, sem duvida são parentes dos *Yurunas*, mas apresentam relações claras com as tribus do Tapajoz pelo facto de possuirem cachorros (1).

Parece, pois, que, sendo o Tapajoz a via propria de distribuição para o Norte, começou mais tarde uma remigração Xingú acima, que ainda agora não está terminada.

1) Cf. C. von den Steinen; *Durch Central-brasilien*, p. 324.

Dos *Tapirapés*, situados no rio de igual nome, affluente do Araguaya, conhecidos só por informações, não se póde agora dizer se estão em relação com os *Tupis* orientaes ou com os do centro. E' possível que sejam aqui avulsos, procedentes do Pará ou Maranhão.

Como os antigos *Tupis* costumavam guardar seus mortos em possantes urnas de lavor tosco, chamadas *igaçauas*; os achados desta ordem são um bom auxí iar para determinar-se a distribuição antiga destas tribus.

Com mais frequencia apparecem no Estado de S. Paulo, em todo o littoral, no baixo Amazonas e no Paraguay. Modernamente foram tambem encontradas nas cabeceiras do Xingú.

Das linguas do grupo tupi conhecemos com exactidão apenas os dous dialectos principaes, segundo o material dos missionarios do seculo XVI ao seculo XVII, em cuja reimpressão, como é sabido, Platzmann, recentemente finado, conquistou merito immortal. Os auctores mais importantes são para o tupi oriental Anchieta, para o guarany Montoya e Restivo. A elaboração scientifica mais importante deve-se a Baptista Caetano de Almeida Nogueira (*Ann. da Bib. Nac. do Rio*, vols. 6 e 7).

Para a lingua geral Barbosa Rodrigues principalmente tem trazido contribuições preciosas; faltam, porém, de todo investigações dos dialectos dos *Tupis* selvagens, ainda intactos.

Aruaks—Tribus desta familia foram as que os primeiros descobridores encontraram nas ilhas Lucayas e nas grandes Antilhas. De sua lingua, o Taino, passaram para as linguas europeas numerosas palavras designativas de productos naturaes e utensilios, como *tabaco*, *hamaca*, *kanaua*, *mahis*.

Taes palavras póde-se em parte acompanhar muito pelo continente sul-americano a dentro, e são importantes para se conhecer as distribuições das plantas cultivadas e a influencia aruak em geral.

Das pequenas Antilhas que occuparam na éra precolombiana, foram gradualmente rechaçados por *Carahibas* salteadores. Chamavam-se aqui Allouages; os restos que se conservaram independentes nas serras eram denominados *Inyeri*.

Como os *Tupis* os *Aruaks* do continente andam tambem derramados por espaço enorme. Sua patria primitiva deve ser procurada no Orenoco, na baixada venezolana e na Guyana septentrional, onde estão ainda hoje representados por numerosas tribus. Na região do Orenoco as mais importantes são os *Maipures* do curso medio; os *Piapocos* e *Banivas* no Guaviare, os *Barés* no Caura, os *Mituas* no Imrida, os *Yaviteros* no Atabapo, os *Achaguas* no rio Meta, outr'ora mencionados com frequencia e agora quasi extinctos.

Conhecemol-os principalmente pelas informações antigas dos missionarios, dentre as quaes as de Gumilla e P. Gilij têm valor

classico. Informações mais modernas deu Chaffanjon, *L'Orénoque et Caïra*, Pariz, 1889.

Na Guayana os missionarios moravios descreveram aprofundadamente os *Aruaks* do Surinam e investigaram sua lingua. O trabalho mais moderno contendo muitos pormenores desconhecidos sobre os *Aruaks* já meio civilizados da costa foi publicado por Van Coll nos *Bijdr. to taal land en Volkerkunde van Neerl. Indie*, em 1903.

As tribus *aruaks* do interior, quasi independentes, *Atorai*, *Taruma* e outros, ficaram conhecidas graças aos irmãos Schomburg e E. Im Thurm.

Acompanhando a costa, as tribus *aruaks* estenderam-se até a embocadura do Amazonas, onde não ha muito que se extinguiram os *Aruãs* da ilha de Marajó. Os restos magníficos de antiga ceramica, encontrados aqui e modernamente tambem na costa septentrional (região de Cuyuni) devem ser a elles reteridos.

Chronologicamente importante é a occorrença das chamadas *perolas de Aggrí*, artigo importado depois do descobrimento, que se tem achado nas excavações.

A avançada mais norte-occidental desta familia formam os *Goajiros* ainda independentes, na península do mesmo nome, unica tribu sul-americana que transformou-se em pastores meio nomades de rezes. A melhor descripção recente desta tribu interessante deve-se a Candelier, *Rio Hacha*, Pariz, 1893; as communicações de Brettes no *Tour du Monde* devem ser lidas com cautela.

O caminho dos *Aruaks* para o médio Amazonas é assignalado pelos *Banivas* no alto e pelos quasi extinctos *Manaos* no baixo rio Negro, sobre cuja lingua Brinton descobriu materiaes. Daqui pôde-se acompanhar uma larga cáfila de tribus *aruaks*, que penetra para Sudoeste pelos rios Purús e Juruá até as Cordilheiras.

As tribus mais importantes do Purús são os *Paumaris*, *Yamamadis* e os *Ipuruds*, divididos numa porção de tribus — *Maneteniris*, *Catianas*, *Cannamaris*, *Canawairs*, etc.—que se estende no territorio do Acre (1).

No Juruá habitam os *Arunas* mais apparentados aos *Paumaris*, e os *Catoquins*, que apresentam forte influencia tupi e talvez com elles se misturam; na fronteira peruana seguem-se no Huállaga e no Ucayali os *Antas* ou *Campus*, tambem chamados *Machigangas*, assim como os *Chontaquiros* ou *Piros*, agora insignificantes.

Na Bolivia os mais importantes são os *Moxos* ou *Musus* e *Bauros*, agora meio civilizados, sobre os quaes possuímos excellentes noticias antigas, principalmente do Eder. Em Matto Grosso finalmente os *Parecis*, na região do Diamantino, formam o mem-

1. Muitas communicações sobre estas tribus, *Beitraege zur Volkerkunde* Berlin, 1901, foram ha pouco essencialmente completadas pelas observações de J. Estreco no *Report of the U. S. Nation for 1901*, p. 250-293, Washington, 1902.

bro ha mais tempo conhecido desta familia. Entre elles conservou-se a tradição de uma immigração vinda das terras do Norte. Bastante isolados têm-se conservado nas cabeceiras do Xingú os *Mehinakus*, *Kust-naús*, *Xaulcápis* e *Wauras*, descobertas pelas expedições allemãs daquelle rio; sobre elles informa aprofundadamente Carlos von den Steinen. A avançada mais meridional dos *Aruaks* fórman no alto Paraguay os *Guandás*, *Terenos* e *Layanos* que receberam multiplos influxos por parte dos visinhos *Guay-curús*. (C mmunicações recentes do M. Schmidt, *Z. f. E.*, 33, p. 336 e seg., 1903).

Tambem o grupo *aruak* apresenta uma série de tribus, cujas linguas mostram divergencias consideraveis do character das tribus restantes desta familia. São os *Jumanas*, *Passés*, *Uainumas*, *Cauixanas*, primeiramente descriptos por Martius, todos na região do baixo Iça ou Japurá, sobre os quaes não existem informações mais recentes.

O desenvolvimento cultural dos *Aruaks* varia muito.

Na era antiga attingiu a culminancia nas grandes Antilhas, onde, além das relações dos primeiros descobridores, numerosos achados archeologicos revelaram notaveis esculpturas em pedra. Estas, do mesmo modo que as idéas religiosas relativamente desenvolvidas dos *Tains*, indicam influencias exercidas pelas culturas central-americanas. Sua rigida organização politica sob caciques politicos lembra quasi as condições da Polynesia.

Tambem os *Aruaks* septentrionaes do continente occupam uma posição cultural bastante elevada ainda, pois industrialmente sobrelevam a seus contemporaneos. Foram provavelmente os inventores da rêde de dormir, os principaes propagadores do cultivo do tabaco e do milho, assignalaram-se na olaria, que em varios pontos, como na embocadura do Amazonas, assumiu desenvolvimento extraordinario, verdadeiramente artistico; por toda parte os *Aruaks* apparecem como votarios da arte ceramica, cujos productos viajaram de tribu a tribu como artigos commerciaes e levaram outras nações a imital-os.

Em estadio bastante primitivo quedaram ao contrario as tribus que mais se internaram pelas solidões da Amazonia occidental, no Purús, no Juruá, no Ucayale, os *Ipurinãs*, *Yanamadis*, *Paumaris* e *Araunas*, que em sua segregação não passaram do estado de infimos caçadores e pescadores com pequena agricultura. Entre elles os *Paumaris* e *Araunas* apresentam por sua vez um typo singular, pois levam vida de puros pescadores, alimentando-se principalmente de tartarugas e jacarés, morando em balsas nas lagoas que acompanham os rios.

Os *Aruaks* do Perú oriental, como os *Antis* (*Campa*) e seus parentes foram em compensação indubitavelmente influenciados pela cultura incasica. Observaram até uma metallurgia grosseira, que pela acção dos brancos se estendem até a arte de fundir ferro.

De modo em tudo divergente os *Goajiros* tornaram-se ao Norte um povo pastoril criador de rezes, e assim lograram ao mesmo tempo organização politica mais firme, que tem concorrido essencialmente para a conservação de sua independencia.

Grammaticalmente são conhecidos até agora as seguintes linguas aruak: *Aruak de Guayana Baure, Moxo, Anti, Manao, Goajiro e Ipurinã.*

Carahibas — Já ao descobrirem-se as grandes Antilhas contaram aos Hespanóes as correrias dos *Carahibas* canibae, *Calinas, Callinagos*, como a si proprios chamavam, que desde as costas do continente e das pequenas Antilhas, onde aniquilaram ou submetteram os indigenas *aruaks*, talaram as outras ilhas do archipelago. Visavam principalmente ao rapto das mulheres, por terem ficado no continente a maior parte das suas mulheres. As *Aruaks* raptadas conservaram sua lingua vernacula, de modo que em suas ilhas Martinica, Guadalupe e Dominica houve completo dualismo linguistico, oppondo-se aos homens que fallavam *carahiba* as mulheres que fallavam *aruak*. Não se trata, pois, aqui de mera variedade dialectal, como entre algumas tribus sul-americanas, *Carayas, Chiquitos, Cuaycurús, Carahibas* e suas linguas são bem conhecidos, graças aos missionarios francezes do seculo XVII, Rochefort, Bréton, Labat, du Tertre; esváem-se, porém, com a colonização crescente durante o seculo XVII. Onde mais tempo se conservaram com forte mistura de negros foi nas ilhas Dominica e São Vicente, donde os Inglezes transportaram a maior parte de seus restos para a costa de Belise. Sobre estes *Carahibas negro*s fez Sapper interessantes communicações no *Int. Archiv. fuer Ethn.* 10, 1897, e no vol. 84, n. 24 do *Globus*.

Estes *Carahibas* insulares não vieram, como mais tarde se affirmou simplesmente, da Florida ao Norte, mas sim do continente sul-americano, onde ainda hoje assistem em grande numero os seus parentes. Angariados desde muito cedo pelas missões, os *Carahibas* da Venezuela septentrional, *Chaymas, Cumana-gotos, Tanamacos*, foram por isso extinctos ou incorporados na população moderna, ao passo que ficaram até certo ponto independentes nas Guyanas britanica e franceza. Suas tribus mais importantes são os *Galibis, Caribisis*, na Guyana franceza, os *Macuzis, Acawoios; Ipurukotos, Arekumas, Arukuyanas* na parte britanica daquella região, mas alcançando tambem Venezuela e o Brazil. Na Guyana propriamente brasileira, ao Sul de Tumuc-Humac, nos affluentes septentrionaes do baixo Amazonas, habitam os *Rucuyennes*, corrupção provavel de *Arukuyana*, primeiramente descript's por Crevaux, e os *Apalais*; desde os rios Para e Jary a Oeste delles, no alto Trombetas e no Jamundá, assistem os *Pianokotos*, visitados por Condreau, provavelmente emigrados da Guyana septentrional para aqui em era moderna. No alto rio Branco seguem-se os *Marikitarés*, e finalmente os *Kirichandás* ou

Jauaperis no affluent de este nome, que desagua no Rio Negro. Até o comda éra de 80 do seculo XIX viviam estes na edade de pedra, mostrando-se hostis aos moradores; porém graças a Barbo-a Rodrigues em 1884, estabelam-se relações mais amistosas. A descripção deste auctor em sua obra *Pacificação dos Cricanás* é tambem fonte importante para outras tribus desta região sobre a qual depois não têm havido mais descripções exactas.

A questão da séde primitiva e do cenro de sua dispersão é modernamente foi levada á solução até certo ponto satisfactoria, graças á descoberta de grande população carahiha ao Sul do Amazonas, nas comarcas centraes do continente. Já Martius derivara do Sul os *Carahibas*; punha-os, porém, em connexão estreita com os *Tupis* orientaes, procurando demonstral-a com etymologias inteiramente falhas, principalmente interpretações de nomes. Cada nome de tribu contendo as syllabas *kar*, *kari*, *kara*, parecia-lhe indicar affiuidade *carahiba*. Mais tarde, com melhores fundamentos linguisticos, Lucien Adam procurou ao Sul do Amazonas os parentes dos *Carahibas* das Guyanas: alli já os *Pimenteiras* do Piahy e os *Palmellas* do Matto Grosso occidental accusavam claramente sua filiação a esta familia.

Mais tarde, as duas primeiras expedições allemans ao Xingú, chefiadas por C. von den Steinen, tiveram a felicidade de averiguar outras tribus carahibas nas cabeceiras deste rio e nas de Paranatinga, o *Bzaeris* e os *Nahuquas*, achados ainda no primitivo estado precolombiano: a lingua e as tradições dos *Bzaeris* foram estudadas acuradamente. Apurou-se de tudo que antigamente assistiam mais ao norte, approximadamente entre 9° e 12° S. no Xingú e no Paranatinga e descendo o rio para o Norte foram procurar seus avós. Os *Nahuquas*, cuja massa principal não demora no Culiseu, onde primeiro foram descobertos mas em seu affluent oriental, o Culnene, foram mais tarde, em 1896, visitados e estudados pelo Dr. Herrmann Meyer: faltam, ainda informações mais precisas sobre o assumpto.

De resto, descobriram-se os membros intermedios que ligam os *Carahibas* do Sul aos do Norte. Primeiramente eu proprio consegui em minha viagem pele Tocantins, em 1888, estabelecer que não se devem os *Apiacás*, chamados tambem *Apingui* por alguns, estabelecidos na margem esquerda do baixo Tocantins, confundir com os *Tupis* de egual nome, habitantes do alto Tapajós; os *Apiacás* do Tocantins são linguisticamente muito proximos dos *Bacaeris* o só em meiado do seculo XIX, repellidos do territorio do Xingú pelos *Suyás*, emigraram rumo do Norte para o Tocantins.

Depois H. Meyer demonstrou a indentidade destes *Apiacás* com uma tribu até então desconhecida do alto Xingú, os *Arunas* ou *Yarumas*, de que apenas puderam ser estudados alguns individuos avulsos entre outras tribus.

Finalmente, dos vocabularios do viajante francez Condreau

que em 1896 subiu Xingú acima, resultou que os hostis *Araras*, tribu muito derramada entre o médio Xingú e o Madeira, são identicos a estes *Apiacás* e *Arumas*, o que se demonstra ao mesmo tempo pela tatuagem commum a todas estas tribus,—uma linha azul de ambos os lados do rosto, desde o olho até o canto da boca.

Os *Bonarís* e *Japiís* da embocadura do rio Negro e do baixo Amazonas, hoje extinctos, vão depois directamenta aos *Carahibas* do Norte.

Assim, está demonstrado agora que uma larga facha de grandes tribus *carahibas* vae desde o centro para NE. até a Guayana, e deve-se considerar como seu ponto de partida a região entre 10° e 12° S. Os *Panellas* foram sua avançada sul-occidental, os *Bacaerís* o meridional, os *Pimenteiras* a avançada mais oriental.

Muito pouco conhecidas são algumas tribus *carahibas*, salteadas, de Noroeste, ao Norte do Amazonas, como os *Carijonas* e *Uitotos* do alto Japura, primeiro visitadas por Crevaux, e os *Motillons* da fronteira entre Venezuela e Colombia, extremamente inimigos dos brancos.

Dentre as linguas *carahibas* têm sido até agora cuidadosamente estudadas desde muito tempo: o *Carahiba* das ilhas, por Bréton; o *Cumanagoto* e seus dialectos, por Tauste, Blanco e Tapia, e modernamente o *Bacaeri*, por C. von den Steinen, *Die Bahairisprache*, Leipzig, 1893.

O grau de cultura destas tribus em geral é igual aos dos *Tupis* e *Aruaks*; caracteristicos dos *Carahibas* são as rédes de algodão e o costume de apertar com cordas de algodão os braços e as pernas, acima do cotovello e abaixo do joelho, de modo que a carne fica sahida. Encontra-se tambem com frequencia entre as tribus *carahibas* o costume singular do chôco (*couvade*).

Estão assim derramados estes tres grupos sobre o enorme territorio que acima assignalamos como a primeira zona ethnographica principal. Dominam por assim dizer exclusivamente dois grandes territorios, a Guyana e o valle do Amazonas.

1. Na Guayana, no sentido mais lato, isto é a terra entre o Orenoco e o Amazonas, desde o rio Negro até a costa, incluindo tambem o archipelago das Antilhas, os *Aruaks* habitam particularmente o Norte e o Sul, os *Tupis*, o Oriente, e os *Carahibas* o centro.

De tribus allophyllas apenas duas têm aqui importancia. Primeiramente os *Warraus* ou *Guaraunos*, excellentes constructores de canôas, residentes nos banhados de delta do Orenoco, descriptos cuidadosamente, além de Schomburgk, modernamente por Crevaux, Chaffanjon e Im Thurm: Lucien Adam lançou um esboço de sua lingua, que está inteiramente isolada (*Congresso dos Americanistas*, Stockolm, 1894). Além disso os *Guahibos*, povo nomade das cabeceiras do Orenoco, cuja patria provavel deve procurar-se

a Oeste, nos rios Meta e Vichada : quem os observou com mais exactidão foi Stradelli.

2. O Valle proprio do Amazonas, incluindo o curso inferior de seus tributarios, é dentro do territorio brasileiro quasi exclusivamente habitado por tribus *aruaks* e *tupis*, de que as primeiras occupam ou occuparam a margem esquerda e os segundos a margem direita. Entretanto, do Purús em toda sua extensão, e do Juruá no curso médio apossaram-se tribus *aruaks*.

São dignas de mencionar nesta comarca as tribus não classificaveis dos *Muras* na embocadura do Madeira e do Purús, assim como entre o baixo rio Negro. Martius observou-os em estado selvagem, em gráu muito inferior de civilização ; hoje estão inteiramente ao serviço dos seringueiros. As communicações mais recentes provêm da Princesa Thereza de Baviera, infelizmente sem dados linguisticos. Estamos quanto á sua lingua, limitados sempre ao succinto vocabulario de Martius, pois as amostras de Teza em seus *Saggi inediti* publicados sob o nome de *Mure* pertencem a lingua totalmente diversa, que provavelmente deve ser procurada na Bolivia.

3. O planalto brasileiro mostra condições ethnographicas bastante complicadas. Em sua metade occidental até o Madeira e o Paraguay é occupado inteiramente por tribus daquelles tres grupos. Assim, os *Aruaks* residem no planalto de Matto Grosso nas cabeceiras do Xingú e Tapajoz, do mesmo modo que no alto Paraguay. *Tupis* são representados nos tres rios, quasi em toda sua extensão, como *Guaranis* avultam em massa compacta na margem esquerda do Paraguay e projectavam-se em época mais antiga por toda a costa brasileira oriental para o Norte até o Amazonas ; tribus *carahibas* emergem essencialmente em Matto Grosso como *Palmelas* no Xingú, como *Bacaeris*, *Nahuquas*, *Aruamas* ou *Araras* ; avulsos e modernamente apparecem tambem no angulo norte-oriental do planalto do Tocantins.

A tribu allophyla mais interessante desta comarca são os ainda indecifraveis *Trumais*, nas cercanias em que confluem as cabeceiras do Xingú : com elles entraram em contacto fugaz as duas primeiras expedições allemãs de 1884 e 1887 ; mais tarde, em 1896, Hermann Meyer conversou com elles mais de perto. Sua lingua apresenta-se de todo isolada e mesmo phoneticamente destaca-se de modo golpeante das tribus *aruaks* vizinhas.

Gés.—Na metade oriental do planalto brasileiro domina até a serra do Mar um grupo de povos ethnographicamente muito singulares, que, de caracter sobremodo archaico, mais que todos os outros desta região merecem ser considerados autochtones. São as chamadas tribus *Gés*, a que pertence a massa principal dos *Tapuyas*, como antigamente chamavam todos os indios do Brazil oriental não pertencentes aos *Tupis* e assignalados por especial selvajaria e hostilidade.

Martius, que primeiro constituiu este grupo, ainda os apa-

nhou de modo por demais estreito. Seus *Gés* são essencialmente identicos ás hodiernas tribus dos *Cayapós* e *Akuens* em Goyaz, nas vizinhanças do Pará, Maranhão e Piauhy, cujos nomes de tribus terminam em parte na syllaba *gé*, como *Apinagé*, *Krikatagé*, *Amanagé*. Comtudo salientou como distinctivo geral deste grupo o character phonetico das linguas, o costume de botoques ou rolos de folhas no labio inferior ou nos lobulos auriculares, a falta das redes de dormir, a ignorancia da olaria e da navegação, assim como certas peculiaridades nas armas.

Sabemos hoje que as tribus *Gés* estão ou estiveram derramadas por toda a metade oriental do planalto brasileiro, desde o seu declive ao Norte marcado pelas ultimas cachoeiras do Xingú e do Tocantins até cêrca de 30° S., para o Poente até o alto Xingú: não alcançaram em compensação ao valle do Amazonas.

Devem ser especialmente alistadas no grupo *gé* as hordas e tribus primitivas das mattas da ladeira oriental da serra do Mar e seus rios costeiros desde o Pardo até o Doce, e mais para o Sul, nos territorios de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina, os poviléos que habitam a Oéste desta serra, nos affluentes do Paraná e do alto Uruguay.

A elles pertencem antes de tudo os chamados *Botocudos* ou *Buruns* do Espirito Santo, Minas oriental e Bahia meridional, numerosos sobretudo nas bacias dos rios Doce e Mucury, ainda independentes em parte. Devem considerar-se seus antecessores provaveis os *Aimorés*, tão mencionados e tem dos nos seculos XVI e XVII. Conhecem-se principalmente pela monographia classica do Principe zu Wied, no segundo volume de sua viagem. Material moderno foi communicado por mim na *Z. f. E.* p. 1 e 49 e seg., em 1887.

Delles são mais ou menos aparentadas uma porção de nações menores, quasi todas extinctas hoje, em Minas Novas, nos altos Pardo e Jequitinhonha, como os *Malalis*, *Machakalis*, *Mennien*, *Patachós*, *Kotochós*, observados ainda em liberdade ao começar o seculo XIX por Eschwege, Principe zu Wied e Auguste de Saint-Hilaire.

Finalmente, entram tambem aqui os chamados *Bugres* de Santa Catharina, de mau nome até pouco tempo pelos assaltos dados aos colonos, situados principalmente nas mattas das cabeceiras do Uruguay, mas não visitados ainda por viajante algum. Da sua lingua nada se conhece; entretanto *Shokleng* (*Xocren*), seu nome tribal, comparavel á tribu *uxekrin* dos *Cayapós*, indica connexão com os *Gés*.

Todas estas tribus estão em gráu infimo de cultura, inferior até á dos Bushmen e Australios e apresentam assim, até certo ponto, a camada primitiva do grupo inteiro.

Um pouco superiores mostram-se entre os *Gés* orientaes os *Camacans* de Ilhéos, descriptos pelo Principe zu Wied, assim

como os *Camés* e *Caingangs* distribuidos pelas comarcas occidentaes dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul: destes os mais meridionaes podem considerar-se meio civilizados; os do Pequiry, Iguassu e Ivaíhy, afluentes do Paraná, conservam-se quasi independentes, mas não são hostis aos brancos. Também a elles se applica o nome colectivo de *Coroallos*, tão vulgarizado no paiz. Contrastando com os outros Gés orientaes praticam a agricultura e, graças a influencias extranhas, desenvolveram a ceramica e a tecelagem. De uma espécie de embara fazem roupa semelhando camisa, de modelos singulares que lembram os do Perú Oriental. Em época moderna foram descriptos especialmente por Hensel (Z. f. E. 1, p. 124, 1869) e Telemacho Borba (Rev. mens. da Soc. de Geog. de Lisboa no Brazil, 2, 1883): tambem Taunay e Ambrosetti forneceram contribuições recentes.

Grças ao ultimo destes investigadores ficamos conhecendo a tribu dos *Ingaíns* do Paraná nas proximidades de salto Guairá, evidentemente identicos aos *Guayanás*, os *Waigannas* de Hans Staden, sobre os quaes até agora havia apenas escassas noticias. Parecem remotos parentes dos *Camés* ou ao menos fortemente influenciados por estes.

Os *Guanahaes* visitados por Aug. de Saint Hilaire são indubitavelmente *Cainganges* (Ambrosetti, no *Bol. Ac. de Cordoba*. 14 V. 331, e Ihering, *Rev. do Mus. Paulista*, 1902).

O gráo mais elevado occupam os Gés centraes de Goyaz com os territorios comarcões de Matto Grosso, Pará, Maranhão, Piauíhy, divididos em dois grupos, os *Cayapós* e os *Acuens*.

Ao começar o seculo XVIII tribus cayapós habitavam o Sul de Goyaz, onde oppuzeram a mais violenta resistencia aos imigrantes portuguezes. Parte dos indigenas recuaram finalmente para o Sul ao Paranhya; no principio de seculo XIX Langsdorff e Auguste de Saint-Hilaire, mais tarde tambem Kupffer vizitaram suas aldeias. Jazem nas cercanias de Sant'Anna do Paranhya, de onde ainda hoje os *Cayapós* fazem viagens commerciaes aos estabelecimentos proximos de S. Paulo. Os que ficaram em Goyaz foram parcialmente aldeados em Mossamedes, onde Pohl os visitou. A maioria, porém, reuniu-se aos parentes septentrionaes, na margem oriental do Araguaya. Aqui desfructam inteira independencia a tribus de *Kradahos*, *Carahos* e *Uchikrins*, que vivem em lucta acesa com os Carayas assistentes á margem esquerda do rio.

Modernamente, segundo informações de Coudreau (*Voyage au Tocantins et Araguaya*, Paris, 1887) conseguiram missionarios italianos chegar a algumas de suas aldeias e chamar os moradores a trato regular com os brancos. E' de esperar não fosse sem proveito este excellente ensejo de investigar ethnographicamente genuinos povos naturaes.

Como a avançada mais occidental destes Cayapós do Norte são

dignos de mencionar os *Suvas*, descobertos pela primeira expedição de Carlos von den Stennen no alto Xingú, acima da cachoeira de Martius: linguisticamente muito se approximam dos *Apinagés*. Graças á influencia dos vizinhos, aprenderam a servir-se das rãtes de dormir e das canôas de casca. Infelizmente não se conseguiu mais depois travar relações com elles. Sabe-se apenas que uma expedição de aventureiros americanos foi por elles destrôada no anno de 1896.

Proximos parentes das tribus *Cayapós* a Este do Araguaia são os *Apinagés*, já aldeiaados em Boa-Vista, no médio Tocantins, sobre que o botanico italiano Buscaleoni trouxe as noticias mais recentes. Em compensação, pouco conhecidos são os *Gaviões* ou *Cricatagés*, já assistentes em territorio paraense, e os *Acobus* ou *Gamellas*, *Bocobus* ou *Temembus*, for mando provavelmente uma divisão dos *Bus*, e o subgrupo dos *Crans*, *Pocamekrans*, *Macamekrans*, *Aponegfrans*, a Sueste do Maranhão descriptos por Pohl e Castelnau. Tambem são mencionados *Carahos* nesta região comarcã. Enfeixam as tribus *gés* do Maranhão sob a denominação collectiva de *Gamella*, *Timbira* ou *Canella*.

A segunda divisão dos *Gés* centraes tórmam as tribus dos *Akuens*, assignalados pela côr clara da pelle, grande estatura e feições regulares, distinguidos pelos Brasileiros em *Xavantes* e *Xerentes*: estes não são mais que *Xavantes* meio-civilizados, que permaneceram no médio Tocantins, séde originaria desta tribu; os *Xavantes* livres refleuriram para a margem esquerda do *Araguaya*, na bacia do rio das Mortes, onde até hoje não penetrou ainda viajante algum scientifico. Paulistas, á cata de ouro ou a caça de escravos, navegaram frequentemente neste rio, haverá cento e cincoenta annos, guerreando e aniquilando os *Araés* alli residentes.

Devem considerar-se parentes dos *Akuens* os *Xicriabas* e *Jaicós* entre o Tocantins e o rio S. Francisco, assim como os *Acroés* no rio das Balsas. Desde a viagem de Pohl não ha informações exactas sobre todas estas tribus. Tribus *gés* extinctas do sertão da Bahia são de mencionar os *Massacaras*, *Pontas* e *Aracujas*, de que Martius encontrou ainda restos.

Com grande verosimilhança devem contar-se entre os *Gés* os chamados *Tapuyas* do sertão de Pernambuco e Maranhão: durante o seculo XVII auxiliaram as tentativas de Mauricio de Nassau nos ensaios de colonização hollandeza contra os Portuguezes. Quanto a seus costumes e modo de vida, estamos bem informados, graças a auctores contemporaneos, particularmente Piso, Margraf, Barlaeus e Roulox Baro. Numerosas imagens, entre as quaes retratos em tamanho natural, conservam-se nas collecções de Kopenhagen e nas bibliothecas de Berlim e Dresda: entre seus objectos ethnographicos destaca-se a palheta com que jogavam flechas, pois era-lhes desconhecido o arco, facto ethnologicamente interessantissimo. Os motivos que nos determinam

a contar entre os *Gés* estes Tapuyas ou *Othushukayana*, foram por mim expostos num artigo do *Globus*, vol. 66, p. 81 e seg.

Os mais antigos restos anthropologicos dos povos gessão os conhecidos craneos descobertos por Lund nas cavernas de Lagoa Santa em Minas Geraes, cuja synchronicidade com os restos de mamíferos extinctos alli excavados affirmouse mas não se provou. Sua formação de rosto é absolutamente a dos hodiernos *Butucudos* e *Cayapós*, com os quaes tambem concordam na extructura da caixa craneana.

As linguas *Gés* são-nos conhecidas principalmente por vocabularios. Dados grammaticaes possuimos apenas dos dialectos *botucudos* e *uxikrim* entre o dos *Cayapós* e dos *Camés* (cf. particularmente Lucien Adam, *Cong. des Americ.*, de Paris, pag. 317 e seg.). Entretanto, sobre esta ultima lingua o material é demasiado inverosimil, para ser possivel uma elaboração grammatical completa.

Inseridas entre as nações *gés* ha ainda no planalto brasileiro tribus allophylas, que em parte se acculturam com seus vizinhos.

Kiriris—Ao Norte do S. Francisco, no territorio de Pernambuco e Piauhy, devem mencionar-se como grupo particular, vizinho dos *Pimenteiras carahibas* e dos mencionados *Tapuyas* os *Kiriris* e *Sabuyas*, hoje extinctos, cuja lingua nos transmitiram Mamiani e Bernard de Nantes. O Kircheria num em Roma possuiue objectos ethnographicos seus. Ao Sul, no baixo Parahyba, existia durante o seculo XVI a tribu selvagem dos

Goytacazes (Waitaka), muito temidos, mas já extinctos ao começar o seculo XVII. Seus parentes ou descendentes são considerados os *Coroados*, *Puris* e *Coropós*, assistentes do Parahyba para o Norte até Minas e Itapemirim. Os viajantes da primeira metade do seculo XIX, Eschwege, Principe de Wied, Martius, Auguste de Saint-Hilaire descreveram-nos aprofundadamente. Cf tambem minhas observações proprias *Z. J. E.*, 18 pag. 184 e seg., 1886.

Estas tribus possuem rédes mas quanto aos outros costumes e modos de vida a-similham-se inteiramente aos *Botucudos*. O nome de *Coroados* tem levado a confusão frequente entre *Camés* e *Bororos*.

Carayas. No meio do *Gés* centraes encontramos Goyaz a grande nação dos *Carayás*, moradores namargem direita do Araguaya. E' provavel que antigamente se estendessem mais para o Sul, pois já no seculo XVI Léry, dá uma tribu deste nome como visinho ao Norte dos *Tupis* da costa e linguisticamente diferentes. Suas condições ethnographicas indicam, entretanto, uma immigração de Norte ou Noroeste. Dividem-se em tres troncos principaes. São os *Carayahys*, no curso navegavel do Araguaya até ponta septentrional da ilha do Bananal, ao 10° S, que negociam com os moradores, e dão-se com as tribus dos *Tapirapés* que moram a Oeste; os bellicosos *Xambioás* ainda

independentes na região encaxo-irada para o Norte; os *Yavahés* dentro da grande ilha do Bananal, não visitados nestes cento e cincoenta annos. Em 1888 eu proprio achei os *Carayás* quasi nas mesmas condições que Castelnau quarenta annos antes, — povo laborioso de pescadores e lavradores, altamente desenvolvido, e muito superiores, quanto ao teor geral da vida, aos vizinhos civilizados. (*Chminhas Beitrage zur Voelkerkunde Brasiliens*. Berlin, 1891. Em compensação já em 1896 Coudreau annunciava a decadencia da tribu, o que está pedindo com urgencia confirmação.

Tambem na margem direita do baixo Xingú mencionam-se *Carayás* como tribu hostil aos *Yurunás*. São talvez identicos aos *Assurins* mencionados por Coindreau. Descripção mais acurada dos *Carayás* seria um dos desideratums mais urgentes para o futuro proximo, pois especialmente suas dansas mascaradas, com vestuarios e mascaras magnificamente ornadas, indicam opulenta elaboração de idéas animisticas de mythos tribaes.

Bororós.—No centro de Matto Grosso, a divisa das aguas entre o Xingú e o Araguaya, é habitada por uma tribu de caçadores nomades e bravios, os *Bororós*, já mencionados nesta região durante a primeira metade do seculo XVIII, quando os Portuguezes serviram-se do seu auxilio contra os *Cayapós* de Goyaz meridional. Parte destes *Bororós* estabeleceu-se mais tarde no alto Paragauy, os chamados *Bororós de Cabaçal*, onde foram visitados pela expedição de Langsdorff, e mais tarde por Castelnau, Rhode, Koslowski e outros. Seus irmãos independentes no proprio planalto, que até a era de 80 no seculo passado fizeram correrias e assaltos para Oéste até as cercanias da cidade de Cuyabá e para Este até o territorio goyano, foram conhecidos durante dezenas de annos pelo nome collectivo de *Croados*, até em 1888 a segunda expedição allemão ao Xingú provar sua identidade com os antigos *Bororós* genuinos. Seu centro parecia então permanecer entre as cabeceiras do S. Lourenço e o Cayapó-grande, nas cabeceiras do Araguaya.

A colonia Thereza Christina, no S. Lourenço, conhecida pelas descripções de C. von den Steinen, onde muitas centenas de *Bororós* que se sujeitavam voluntariamente ficaram sob inspecção militar, parece ter-se dissolvido, segundo as noticias mais recentes. Muitos dos indios entraram para o serviço domestico em Cuyabá. Os *Bororós*, assignalados pelo notavel tamanho do corpo, são povo puramente caçador sem agricultura, que em muitas feições lembram os *Gés*, como estes, sem canoas nem rédes, mas peritos na factura de armas e ornatos de pennas. Sua organização social parece, em compensação, achar-se muito atrasada.

4. *A baixada NW. do Orenoco até os Andes*.—Aos povilões *aruaks* e *carahibas* do territorio do Orenoco prende-se a Oéste entre Apure, rio Meta e Vichada, uma série de tribus, que, nas

informações mais antigas dos missionarios jesuitas alli chegados por cerca de 1730, particularmente de Gumilla e Gilij vêm frequentemente mencionadas, mas bem pouco conhecidas são.

Merecem ser mencionados es:

Piaroas, no Vichada e Mataweni; os *Charujas* no alto Meta e Guejar (cf. *Z. f. E.*, p. 336, 1876) e os restos agora insignificantes dos *Otomacos*, *Salivas* e *Jaruros*.

A' lingua destes ultimos Guilherme von Humboldt consagrou estudos aprofundados, mas parece perdido o material original de que se servio

Betoyas—O grupo *Betoya*, primeiramente estabelecido por Brinton (*Studies in S. Am. native languages*, p. 62, Philadelphia, 1892) abarca grande numero de tribus da baixada colombiana oriental entre 7° N 3° S., alcançando desde o Sul até o Japurá e para o Oriente até o rio Negro. Tambem entre o alto Napó e o Putumayo estão ainda representados. Brinton escolheu para designar o grupo a mais septentrional de suas tribus, os *Betoya*, que antigamente habitavam nas abas do morro de Begoaa, entre Apure e Meta, principalmente em Casanare. Das outras nações deste grupo os *Uaupés*, no grande affluente do rio Negro, são relativamente os melhores conhecidos pelas viagens de Wallace, Stradelli, Coppi e Pfaff. A elles pertencem os *Uaupés* propriamente ditos, os *Tucanos* ou *Daces*, que se subdividem nos grupos duplos dos *Jupuas* e *Koretus* e nos *Jaunas* e *Kobeus* do outro. Estão ao mesmo tempo em contacto intimo com tribus allophyllas, como os *Trianas cruaks*, e os *Arekunas*, *crahibas*, no Içana, de modo que desenvolveu-se uma especie de aculturação entre estas tribus, que obscurecem um pouco o quadro ethnographico.

De outros membros deste grupo cumpre mencionar os *Des-saas* no Apaporis, os *Coregayes* e *Tamas* no rio Yari, affluente do Yapura, que foram visitados por Crevaux.

Os *Pioyes* no Napó e Putumaio são provavelmente identicos aos antigos *Encabellados*, tão referidos em outro tempo. Os *Umaruas* no alto Yapura, que Martius dá como inimigos dos *Miranhas*, foram talvez pela semelhança do nome confundidos com os *Omaguas* do grupo tupi.

Tiradas as breves communicações de Crevaux não ha noticias recentes sobre todas estas tribus. Convem, porém esperar ás de Th. Koch, que actualmente se occupa nos rios Maupá e Içana.

As linguas do grupo *Betoya* são pouco conhecidas, mas Brinton deu com material moderno o esboço de um dialecto *co-reguaye* ou *pioye* (*Am. ph. ass.* 7 Philadelphia, 1892).

Entre as singularidades ethnographicas das tribus *Moupés* cumpre mencionar o cylindro de pedra perfurado que orna o peito do maioral, assim como as mascaradas peculiares, cujo centro fórma um demonio personificado como heróe solar ou cultural.

Chamam-no geralmente *Yurupari*, designação tomada á lingua

geral e falsamente identificado com o diabo pelos missionarios, Devemos a Stradelli uma exposição aprofundada do mytho e dos usos antiquados desta festa, que, entretanto, está pedindo com urgencia novo exame. (Bul. Soc. geog. italiana, 95 p. 223 o seg. 1890).

Ha tambem communições importantes de Collini, segundo informações do padre Coppi, na mesma revista de 1884 e 1889.

No médio e no baixo Yapura, Martius menciona os *Miranhas* ou *Juris* como tribus de filiação não clara. Os *Miranha* eram então um povo de corço, barbaro, affeito á anthropophagia, caracterizado exteriormente por botoques nas narinas que assim ficavam monstruosamente alargadas, e cinto particular de embira semelhante funda hemiaris. Apesar da rudeza de seus costumes, não ha testemunhos desfavoraveis a seu caracter e é afamada sua pericia nas artes de tecer e trançar. Desde a visita de Martius em 1820 são apenas mencionados ligeiramente por outros viajantes.

Sua lingua, rica de asperos sons gutturaes, é conhecida apenas por vocabularios de dous dialectos. Por ora não se póde subordinar-a a algum grupo maior, mas ha afinidades phoneticas com a lingua dos *Juris*, que moravam rio abaixo e em tempo de Martius eram seus inimigos. Destes apontam-se como caracteristicos a tatuagem negra da bocca e o uso de escudos de pelle de anta. Tambem sobre elles faltam noticias frescas. Ligação das duas tribus com o grupo dos *Betoyas*, que admitti em 1891, é sem duvida possivel, mas até agora absolutamente indemonstravel.

Nas solidões do Equador oriental, desde as abas dos Andes até os rios Napó e Marañon, são mencionadas numerosas tribus que, ao parecer, podem ser reunidas nos dous grupos principaes de *Zaparos* e *Jivaros*. Alguns, com os *Kototos* e *Tautapishitos*, parecem parentes dos *Pioyes*, são portanto *Betoyas*; outros, como os *Amishiris* e *Lagartocaches*, mencionados por Hervas, devem-se contar entre os *Iquitos*.

Como os *Zaparos*, chamam-se tambem *Xeberos*, têm sido muitas vezes confundidos com os *Jivaros*.

Os *Zaparos*, de que Brinton dá não menos de cincoenta e sete nomes de tribus, habitam em região bastante baixa entre o Napó e o Pastassa, estendem-se tambem pelo Morona até dar no rio Marañon. Foram descriptos por Osculati em 1851 e mais tarde por Simpson.

Em plena independencia e geralmente hostile vive ainda o grande grupo dos *Jivaros*, dividido tambem em numerosas tribus, Entre o Pastassa e o Morona, de 2.º até 4.º S. As subdivisões mais importantes são os *Muratos*, *Antipas*, *Aguaranos*, *Ayulis*, *Itucallis* e outros.

Tambem ao Sul do Marañon Herudon indica ainda tribus *Jivaros*, cuja afinidade não está, porém, apurada.

Já ao expirar o seculo XVI os Hespanhóes tentaram de balde sujeital-os: comtudo ainda hoje existe uma estação em

Macas no alto Pastassa, donde viajantes europeus têm penetrado até elles (Cf Reis-, *Verh. d. Ges. fur Erdkunde zu Berlin*, 1880).

Sua peculiaridade ethnographica mais importante são seus trophéos, cabeças de inimigos preparadas com refino, que depois de retiradas as partes osseas reduzem-se pelo encolhimento ao tamanho de um punho.

De sua lingua Brinton lançou um esboço (*Studies*, p. 21), segundo materiaes recentemente publicadas.

5. *Territorio do Marañon e de seus afluentes meridionaes.*

No alto Marañon, no baixo Huállaga vive ainda una porção de tribus avulsas, de afinidade indeterminada, que em parte já nos seculos XVI e XVII estiveram sob a influencia das missões, mas nem um passo deram quanto á cultura.

A elles pertencem os *Ticunas*, conhecidos por suas dansas mascaradas descriptas por Spix e Martius, e tambem como preparadores de frechas envenenadas;

os *Yahuas*, que, segundo Brinton, reúnem-se em grupos aos extinctos *Pebas* e *Canauris*;

os *Lamas* e *James*, descriptos por Poeppig;

no baixo Huállaga os *Cholous* e *Hibitos*, de cuja lingua tratou Brinton, segundo material inedito em seus *Studies*, p. 30;

e finalmente os *Lorenzos*, nomeados pela primeira vez em 1880, segundo Ordinaire são restos dos *Amages* e *Carapocho*s, encontradas no seculo 18.º por missionarios no valle de Pozuzo. Vivem ainda em pura idade de pedra nos rios Palcassú, *Pichis* e *Chuchurras*. Sobre sua lingua nada se sabe.

Panos.—O grupo dos *Panos* comprehende uma porção detribus da matta per ana oriental, principalmente no Ucayale e Javary, mas tambem derramados pelo alto Juruá, o médio Madeira, assim como o Beni e Madre de Dios. Entre elles assistem em territorio peruano *Aruakes*, *Campas* e *Piros*, em territorio boliviano os *Tacanas* e seus parentes.

As tribus mais essenciaes são:

no Ucayale os *Conibos*, entre os quaes já houve missões no seculo XVII, que pouco lograram para civilisal-os: usa-se entre elles uma especie de circumcisão barbara das raparigas;

os *Cassivos*, selvagens e cannibae, no Aguaitea e Pssqui, e os *Setibos* e *Sipilos* entre o Huállaga e o Ucayale, seus parentes; no Javary os *Mejorunas*, igualmente selvagens, que furam o canto da bocca e as azas do nariz para introduzir conchas e ornatos de pennas, e usam grandes lanças de arremeço, mas tambem a zarabatana.

Dos *Panos* que habitam o alto Juruá só modernamente chegaram-nos noticias.

No extremo de sua memoravel viagem, Chandless chocou-se com os *Nauas*, armados de escudos. Desde a penetração dos seringueiros por aquellas devesas ficámos conhecendo nas cabeceiras do Juruá, do Tarauaca e do Envira outros representantes

deste grupo, os *Caxinanas*, *Xanindonas*, *Jaminauas*, de que chegaram tambem objectos ao Museu de Berlim. Tambem estas tribus usam escudos de couro de anta, como os muitas vezes mencionados entre as tribus orientaes no tempo da conquista (*Globus*, vol. 93, p. 335). Estes territorios estão pedindo uma investigação o mais breve possivel, pois o commercio da borracha e a péga de escravos já estão implantados nestes territorios longinquo, depravando os indigenas e ameaçando-lhes a existencia.

Pouco sabemos sobre os *Hustaipazis* no alto Purús, os *Sirianiris*, no Madre de Dios e os *Caripunás*, no alto Madeira, com quem, entre outros, entrou em contacto Keller-Leuzinger.

Passam por meios civilizados os *Pacaguaras*, no baixo Beni.

Boas descrições das tribus dos *Panos* e do seu habito ethnographico devemos a Lucio e Colini (*Bul. Soc. Geog. Ital.*, 1883), a Ordinaire (*Rev. de Ethn.*, 1887). Das linguas *Panos* tratou B. de la Grasserie. *Cong. des Americanistes*, de Berlim, p. 435

6. *Baixada boliviana e cabeceiras do Beni e Madeira.*

Tacana.—As tribus do grupo *Tacana*, entre os rios Beni, Madeira e Acre, foram visitadas por missionarios desde o seculo XVII, mas só modernamente, depois de devassados os seringaes dalli, foram sendo conhecidas, graças ao Americano Heath, ao Brasileiro Coronel Labre e ao missionario boliviano Armentia. Brinton tratou linguisticamente do grupo em seus *Studies*. Além de algumas tribus extinctas, dá como principaes representantes os *Araonas*, *Cavinas*, *Equino*, *Isanamas*, *Maropas*, *Tacano*, *Sabipocomas*, e *Pucapacuris*, de que grande parte já estava convertida ao christianismo em tempo de Orbiny.

Por selvagens passam ainda os *Toromonas* e *Araona*. Consta que, em vez de jangadas, usam de balsas. Labre e Armentia fellam em seus templos ou casas de meishina, em que estão expostos idolos feitos de madeira ou pedra, assim como do seu culto dos espiritos da natureza. Informações mais exactas seriam desejadas com soffreguidão. É possivel que se contenham aqui restos de antigo culto peruano, pois está provado que os Incas avançaram postos para esta banda.

A Bolivia oriental hospeda, além de tribus *aruaks* e *tupis*, ainda uma série de poviléos de especie particular, de que, porém, só dous têm alguma importancia, isto é, os *Yurakarés* e os *Chiquitos*.

DR. PAULO EHRENREICH.

(Do Arch. f. *Anthropologie*, de Braunschweig).